

20.5.72 *Folha*  
**Sertanista deixa FUNAI**

BRASILIA (SUCURSAL) — A Fundação Nacional do Índio perdeu ontem um dos mais experientes sertanistas que contava em seu quadro de trabalho, Antonio Cotrim Neto, 31 anos, dez dos quais vividos em aldeias de índios pacificados, ou arredios, contactados por ele próprio.

O sertanista pediu demissão, em caráter irrevogável, alegando que seu trabalho na FUNAI — Fundação Nacional do Índio — tem se limitado ao de simples administrador "de interesses de grupos econômicos e segmentos nacionais, dado à política de concessão de áreas indígenas, pela FUNAI". Acrescentou que está cansado de ser "coveiro" de índio.

Cotrim é o responsável pela pacificação dos índios Gaviões na divisa do Pará com o Maranhão, e outros grupos. Ultimamente estava prestando serviços como chefe de uma frente de atração na Transamazônica, de que resultou no contato com dois grupos arredios: os Jandeavy no rio Pixuna, entre São Felix e Altamira, e os Kubenkrameti Ararapi, pouco abaixo na mesma região.

Embora o sertanista afirme que sua desilusão com a política e a administração da FUNAI tem sido vivida dia a dia, desde o SPI — Serviço de Proteção ao Índio — um dos fatos que vieram culminar com a demissão do sertanista foi um pedido de medicamentos à FUNAI para atender a um surto de gripe entre os índios Kubenkrameti e que só foi respondido 43 dias depois. Até a chegada do medicamento morreram 16 índios.

**COAÇÃO**

O sertanista classificou como "blefe" — a atuação da FUNAI perante a opinião pública, afirmando que ela age como "um instrumento de coação dos índios em benefício de grupos econômicos e segmentos nacionais e que para eles — sertanistas — a única contri-

buição que ela tem dado é destruir um "ideal humanista, que existe em cada um de nós, de fazer alguma coisa pelos índios".

Informou que outros colegas seus tem seguido o mesmo caminho e citou, especialmente, uma técnica-indigenista formada nos cursos da FUNAI — Maria da Conceição — que se afastou porque não recebeu resposta de Melo — presidente da FUNAI sobre a promiscuidade, até mesmo sexual, a que estavam sendo submetidos os índios parakanas — na Transamazônica — não só por trabalhadores da região, como por funcionários da Fundação.

Revelou que um médico da FUNAI tinha visitado o local e confirmara a morte de 40 índios, a existência de oito cegos, e várias índias com doenças venereas, adquiridas no contato com o branco. "Até hoje não se sabe que fim teve esse relatório" acrescentou.

**NHAMBIQUARAS**

Informou ainda o sertanista que a FUNAI tem concedido certidões negativas (documento que diz não existir índios na região) a empresas do desenvolvimento agropecuario e colonização, para terras tradicionalmente habitadas por grupos indígenas.

Citou especificamente a transferência que está sendo feita pela FUNAI de 450 índios Hhambiquara. De suas aldeias Galera e Sararé, no vale do Guaporé, para atender grupos mineiros. No início da transferência desses índios morreram quase todas as crianças abaixo dos 15 anos de idade.

O mesmo está acontecendo com os índios Tembê — cerca de 400 — na divisa do Pará com o Maranhão, cujas terras já foram distribuídas pela SUDAM — Superintendência do Desenvolvimento da Amazonia — a um grande grupo econômico. No Parque Nacional do Xingu, a área ao norte da estrada Brasília-

Manaus — que foi desviada do curso previsto — onde habitavam quatro grupos indígenas foi entregue para exploração econômica a uma empresa. Os índios receberam em troca um pedaço de cerrado.

No Maranhão a reserva florestal do Gurupi, onde vivem onze tribos contactadas e duas arredias a SUDENE — Superintendencia do Desenvolvimento do Nordeste — está com um grande projeto de colonização, e já existe até mesmo um núcleo urbano dentro da reserva, com conhecimento da FUNAI e do Instituto Brasileiro do Desenvolvimento Florestal, a quem pertence as terras.

**DESPOPULAÇÃO**

Cotrim mostrou ainda que no decurso de sua experiência entre os índios tem verificado uma crescente despopulação a medida em que a aproximação com o branco é mais constante. Citou como exemplo: Os Mekranonty, que em 1958 eram 600 índios, 1966, eram 248 e hoje apenas 132. Os Gaviões do Pará eram 58 índios em 1968 e hoje apenas 36. Um subgrupo Kararao que em 1965 eram 82 e hoje existem apenas tres sobreviventes.

Revelou ainda que no contato com os Gaviões, depois de intensas caminhadas fugindo do branco os índios começaram a praticar o aborto para evitar ter crianças que poderiam atrapalhar em suas fugas. Esses mesmos índios depois de saturados com os ataques e ameaças do branco receberam uma proposta da FUNAI de transferi-los para outra área — aquela estava sendo ocupada por uma companhia chamada CIDA.

Em seu ultimato dirigido diretamente ao sertanista Cotrim Neto a direção da FUNAI afirmava que se eles não quisessem sair da região a fundação cortaria todo auxílio à frente e aos próprios índios, em sua maioria já adoentados.